ANOTAÇÕES
SOBRE A POESIA HÚNGARA

ANA HAUSER

O pouco que se conhece da literatura húngara em nosso meio é devido ao trabalho do professor Paulo Rónai - falecido poucos anos atrás -, entre cujas numerosas traduções citaremos: Antologia do conto húngaro, Os meninos da rua Paulo, A Tragédia do homem. Mas todas estas traduções não dão mais que uma pálida ideia de toda a riqueza da literatura húngara, como o próprio professor Rónai afirmou na introdução da Antologia. Por outro lado, a razão deste desconhecimento se deve ao fato de ser a Hungria um país longínquo, no espaço, e também no que se refere aos seus costumes e tradições e "modus vivendi". Mas, o maior obstáculo para um conhecimento mais profundo da riquíssima literatura húngara, é a diferença linguística.

O povo húngaro provém da Ásia, depois de longos séculos de vida nómade, ao finalizar o primeiro milênio da era cristã, se estabeleceu na Bacia de Panônia, província romana da época, famosa pelas suas águas termais. Converteu-se ao catolicismo durante o governo de Vajk (futuro Santo Estêvão), que se coroou primeiro rei católico da Hungria. Os húngaros inseriram-se rapidamente no contexto feudal da Europa medieval. Assimilaram a clássica cultura greco-romana, dando desta forma início a uma intensa vida cultural no seio da sociedade européia.

Foi Santo Estêvão que proporcionou ao povo húngaro as condições necessárias ao desenvolvimento da vida cultural, inserindo no contexto da nação a classe social eclesiástica, que por longos séculos foi a única guardiã de cultura em toda a Europa.

A literatura húngara surge da Bíblia e da Liturgia latina. O primeiro poeta húngaro consiste nas traduções de hinos religiosos, para que estes pudessem ser compreendidos pelo povo.

Encontramos documentos escritos em húngaro arcaico, já no século XII. Data de 1192 a Halotti Besszéd (Réquiem).

O primeiro poema data de século XIV. É uma tradução do latim de Planetus ante, Ómagyar Mária Siralomban (Pranto à Virgem Maria, em húngaro arcaico). Este, pela sua beleza poética, pode ser considerado um poema autenticamente húngaro e, conforme a expressão de Haroldo de Campos, uma transcrição. Neste encontramos trechos que pela sua beleza formal, podem ser considerados modelos de poesia.
Ex. uj [uij] (novo) uj [uij] (dedo).

Outra característica relevante do húngaro é a harmonia vocálica, isto é: as pós-posições mudam obrigatoriamente sua vocal, conforme a palavra-razão possua vocal anterior ou posterior.

Em húngaro o acento tônico cai sempre na primeira sílaba da palavra, portanto carece de valor fonológico.

Naturalmente esta variedade vocálica proporciona ao idioma uma rara musicalidade, acentuada ainda mais pela harmonia vocálica. A aglutinação abre para todos os falantes, mais ainda para o poeta, possibilidades semânticas infinitas, de maneira que poderíamos definir o húngaro como um sistema lingüístico aberto, quase que moldável, como se fosse de argila. Cada falante, destarte, é um artista em potencial para criar sua linguagem.

PETÖFI E A CANÇÃO POPULAR HÚNGARA

Sândor Petőfi, o grande poeta de Revolução de 1848, é ainda hoje considerado como o maior poeta da Hungria. Apesar de ter vivido apenas 26 anos (1823-1849), sua obra poética é muito grande e abrange vários gêneros, ou seja: poesias, contos, poemas dramáticos e novelas. Sendo ele poeta multifacetado, neste ensaio falaremos de sua faceta "poeta popular".

Petőfi é considerado fundador da poesia popular húngara. Ele abraçou este gênero por várias razões: em primeiro lugar, por evidentes motivos políticos, sendo ele também "filho do povo", e não por último por motivos educativos-culturais. Conforme o ideal europeu da época, a poesia deveria servir sobretudo às classes populares, para chamar a atenção da classe superior através da poesia.

Para Petőfi, a concepção da poesia popular consistia num programa literário muito bem elaborado, com finalidade pedagógico-educativa.

Em seu linguajar, como poeta popular, ele recusou as expressões abstratas e artificiais. Esquematizou os motivos da canção popular húngara. Esta começa, na maioria das vezes, com imagens da natureza, para logo depois passar a evocar motivos espirituais.

Na opinião um tanto cética de Antal Szerb, escritor e teórico da literatura, as canções populares de Petőfi são poesias que foram escritas por alguém "não do povo" e "não para o povo". Ele ainda afirma que foi Petőfi que elevou a poesia popular à categoria de poesia nacional.

Escolhemos dois poemas populares do poeta, para serem conhecidos em português, ambos musicados e cantados pelo povo.

Estes são compostos de hendecassílabos de quatro versos, que são característicos da poesia popular húngara. O mais famoso poema épico popular de Petőfi, "János Vitéz" (herói João) é também formalmente com-

1 Szerb Antal, Magyar Irodalom Történet (História da Literatura Húngara) Budapest, Magvető, 1978, p. 64.
3 Ady Endre, Budapest, Szépirodalmi Múkiadó, Föl földbőtt kö, p. 257.
posto assim. Este tipo de composição dá uma leveza especial, diríamos, uma fluência musical aos versos, extremamente fáceis de memorizar.

Haroldo de Campos afirma que "na tradução dum poema o essencial não é a reconstituição da mensagem, mas a reconstituição do sistema dos signos, em que está incorporada esta mensagem de informação estética e não meramente semântica." Esta informação formal, estética, nos faz lembrar o cómodo esquema saussuriano em Se (significante) onde já está inscrita a informação semântica So (significado), inseparavelmente. Nossa intenção é a de trazer para o leitor "um pedaço da Hungria", na medida do possível, não abrasculeirando os poemas.

Fa leszek ha...\(^5\)

Fa leszek ha fának vagy virágá.  
Ha harmat vagy én virág leszek.  
Harmat leszek, ha te napsugár vagy...  
Csak, hogy lényeink egyesüljenek.  

Ha leányka, te vagy a menyország:  
Akkor én csillaggá változom.  
Ha, leányka, te vagy a pokol: (hogy egyesüljünk) én elkárhozom.

Serei árvore...

Serei árvore se tu fores\(^6\) sua flor.  
Se tu fores orvalho eu serei flor.  
Serei orvalho, se tu fores rai o sol,  
Para realizar nossa união.\(^7\)

Querida,\(^8\) se tu fores o céu,\(^9\)  
Em estrela me transformarei.  
Querida, se tu fores o inferno,  
Para nossa união, me condenarei.

Milyen furcsa álamm...

Milyen furcsa álamm volt az éjjel:  
Lyánka\(^10\) te megszűrtad szivemet,  
És belőle minden vár kifolit, de  
Minden csepp vérből egy rózsza lett.\(^11\)

Mit jelenthet ez az álom?... semmit,  
Csak azt, hogy ilyen a szeretem  
A szegény szivet halálra győtri,  
S, olyan édes ez a győrelem.

Que sonho bizarro...

Que sonho bizarro tive esta noite.  
Querida, tu dilaceraste\(^12\) meu coração.  
Todo sangue escorreu dele,  
Mas cada gota se transformou em flor.

Que significará este sonho?... nada  
Apenas, que o amor é assim.  
Faz o coração sofrer mortalmente.  
Este sofrimento, porém, é tão doce.

No primeiro poema, Petöfi eleva seus sentimentos de afeto a um grau máximo, muito poeticamente, mas com palavras e conceitos simples se prontifica a sofrer qualquer transformação, inclusive a de se condenar ao fogo eterno em nome deste amor. As imagens se seguem num crescendo, passando da simples florzinha a imagens cósmicas de sol e de estrelas.

Mas ele nunca se afasta do imaginário popular e romântico, chegando ao extremo de opor o céu ao inferno, que ele indiferentemente assumia de boa vontade, para conquistar o amor da bem-amada.

No segundo poema, o poeta analisa um sonho que evoca imagens cruéis de ferimento e de sangue, logo susivazadas pela imagem das rosas. Da mesma maneira como no primeiro poema, mostra o amor do homem como um sentimento nobre, pronto a sacrificar-se em nome deste. Transforma em sentimento carinhoso a crueldade da amada. Na segunda estrofe

---


\(^5\) Na poesia popular húngara o título sempre é a primeira estrofe, ou parte desta.


\(^7\) A tradução exata do último verso seria "para a união de nossos seres", que na versão portuguesa se parecia retórico e pouco poético.

\(^8\) Leányka [leánká] (garota), termo afetuoso com que o poeta designa sua amada. No português, o termo querida é mais musical e reflete melhor o sentimento carinhoso do poeta.

\(^9\) Menyország [menyors] (céu), com um sentido mais espiritual, contrastando melhor com o termo pokol [pokol], ég correspondente ao termo céu, em sentido mais cósmico.

\(^10\) Lyánka [kál] termo arcaico regional de leányka.

\(^11\) Lett [leí] é um passado evocativo do verbo lenni (ser/estar), que se usa em vez de volt [volt], quando indica um processo de transformação.

\(^12\) Usamos o termo dilaceraste em vez da tradução exata espetaste, que não tem nem força tónica, nem força semântica, para indicar uma ação de ferir tão fortemente que deixar escorrer todo o sangue do coração. Em português, em nosso entender, esta palavra, além da força tónica expressiva da ação de ferir, tem também o sentido figurativo de magoar.
ele indaga sobre o significado deste sonho tão estranho. Mas a única conclusão a que chega é que o amor, no mesmo relance em que fere, também consola.

Nos dois poemas o homem aparece cheio de sentimentos cavalheirescos, espírito de sacrifício, contrariamente da mulher, que aparece como personagem fútil, cruel e irresponsável. Ambas são figuras caras ao cancionero popular húngaro.

**BIBLIOGRAFIA**

*Ady Endre*, Budapest, Szépirodalmi múkiadó, 1951.
———, Deus e o Diabo no Fausto de Goethe, São Paulo, Perspectiva, 1981.
*Duro Aldo*, Imagini e Ritmi, Roma, Pirella, 1950.
*Petöfi Sándor*, Ósszes Művei. Budapest Franklin Társulat, 1921.